

**On/off-line: entreolhares sobre as infâncias X, Y e Z**

Amanda M. P. Leite

**A** imagem idealizada de uma infância “saudável” e “feliz” hoje se prende a uma espécie de saudosismo da infância vivida nas ruas, pendurada nos galhos das árvores, correndo nas paisagens interioranas de nosso país. Representações de outras geografias, outras gerações e outras temporalidades que parecem escapar... Imagens pueris. Ao recordar cenas que marcaram a infância das gerações X e Y e ao compará-las com as da geração Z, por exemplo, pais, mães e professores/as entram em conflito. Por isso, as questões que me movem aqui são: em que medida nossas memórias tecem uma noção de infância universal ou projetam uma infância a partir de um ideal? Por que banalizamos a infância atual em detrimento de uma infância que talvez não caiba nos tempos que correm? Não seria mais interessante trabalhar o espaço das fronteiras para promover diferentes arranjos e aprendizagens? Por que a noção de infância “saudável” parece estar ligada apenas à conexão com a natureza e nunca com a mídias tecnológicas?

**Velha infância ...**

Se hoje te perguntassem sobre qual é a imagem de uma “boa infância” ou uma “infância ideal”, o que você diria? Se você pertence a geração Z<sup>1</sup>, nascido em meados dos anos 90, pode dizer que uma “boa infância” corresponde ao acesso ao mundo das tecnologias. *Tablets*, celulares conectados à *Internet* e as redes sociais, games realistas, mundos virtuais, vidas paralelas, enfim... crianças desta geração recebem desde bem cedo a influência que a tecnologia produz. Estão cotidianamente conectadas as informações do mundo global. Por outro

---

<sup>1</sup> O Z de “Zap”, vem do inglês e também significa fazer algo rapidamente. Refere-se a crianças nascidas na era da efervescência tecnológica. Para sociólogos e cientistas são crianças reconhecidas como nativos digitais. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/jovens/apresentacao.html>

lado, se você tem mais de 30 anos, nascido no final da década de 70 pertence a geração Y, ou antes disso, nascido nos anos 60, pertence a geração X, por isso, talvez a sua resposta provavelmente traga narrativas sobre crianças com pés descalços ou com asas nos pés, como dizia Vinicius de Moraes em *O poeta aprendiz*. Crianças que subiam em árvores e nelas passavam as tardes. Crianças que pintavam as calçadas com pedaços de tijolos, giz ou carvão para jogar amarelinha; crianças que pulavam cordas; atletas do jogo de taco; crianças “puladeiras” de elástico... Crianças que inventavam histórias, levantavam cabanas e reciclavam objetos para decorar o espaço em que o faz-de-conta acontecia.

Diante dessas memórias parece-me legítimo problematizar o saudosismo em torno de uma infância idealizada para o tempo presente. São imagens de uma infância que se foi ou que está restrita a outro tempo e espaço ou ao acaso de nossas recordações? A infância que sempre nos pareceu inviolável, hoje sofre uma espécie de ameaça pelas preferências da geração Z ou das inovações tecnológicas dos últimos 20 anos.

A infância torna visível o tempo em que vivemos. Ela expõe culturas e revela contextos distintos. Se as crianças podem ser entendidas como produtoras da infância do tempo presente, enquanto educadores/as, interessa-nos perceber quais infâncias têm sido produzidas hoje. O que as crianças deste tempo nos pedem a ver e nos provocam a pensar?

A percepção da criança como sujeito social e produtora de culturas está presente nos estudos da sociologia da infância. Brincadeiras infantis, hábitos e rotinas dão-nos pistas para conhecermos o universo infantil e a forma como a criança experimenta as coisas. Hoje observamos como a criança manifesta-se socialmente (por linguagens próprias de cada idade) e estabelece diálogos com a cultura adulta. A criança se comunica, troca, compartilha, (re)constrói ideias e valores, transforma o ambiente em que vive e, de modo singular, produz culturas.

Se de um lado há o sentimento de “saudade” das vivências que marcaram a infância das gerações X e Y, especialmente as experimentadas nos espaços da rua (*off-line*); de outro lado existe uma forte crítica às crianças da geração Z por serem mais solitárias, viverem atrás das telas e se relacionarem em boa parte do tempo em espaços virtuais (*on-line*).

Em fevereiro deste ano, uma campanha<sup>2</sup> lançada no *Facebook* atingiu 2 milhões de visualizações em apenas 48 horas. Foi compartilhada mais de 100 mil vezes e teve mais de 15 mil curtidas. A mensagem era bem simples: ocupar as ruas e incentivar o retorno às “velhas” brincadeiras. No vídeo publicado, jovens e adultos brincam nas ruas de Casimiro de Abreu, que fica no interior do Rio de Janeiro.

A ideia surgiu do incômodo que muitos adultos sentem ao ver crianças da geração Z trancadas em casa, conectadas aos games, “prisioneiras” de *tablets* e celulares. A partir daí o grupo se organizou, saiu as ruas e filmou diversos jogos e brincadeiras. Em dois dias, os comentários nas redes sociais colocaram em evidência as crianças brasileiras da geração Z. Para dar continuidade à campanha, os idealizadores pedem que mais pessoas ocupem estacionamentos, ruas, espaços dos condomínios para brincar. Há um incentivo para que filmem as brincadeiras que marcaram a sua infância e as espalhem nos espaços virtuais. Quem sabe assim, haverá interesse das crianças contemporâneas para outras experiências. Daí surge outra questão: a nostalgia da “velha infância” abriria passagem para outros modos de existência ou proporia um retorno a um ideal de infância?

### **X, Y, Z: Encontro de gerações**

Em que medida conseguimos delimitar fronteiras entre o on/off-line? Se os tempos são outros, as famílias e as crianças também. Daqui alguns anos a geração Z será a referência deste tempo. O que ela terá

---

<sup>2</sup> Leia mais: <http://globoTV.globo.com/infoglobo/extra-noticias/v/adultos-se-divertem-como-criancas-em-campanha-para-reviver-brincadeiras-de-rua/3942369/>

produzido? Como terá marcado a infância atual? Do que estes adultos vão se lembrar?

Se entendemos as crianças como sujeitos sociais e seres ativos (e esta é a perspectiva de uma Pedagogia da Infância atual), sabemos que as crianças são capazes de fabricar este tempo, e claro, outra infância, outros modos de *ser* criança. Neste sentido, espero sinceramente termos superado a noção de criança infante ou ainda qualquer submissão do corpo pequeno as necessidades dos/as adultos/as.

As crianças da geração Z são capazes de criar brincadeiras, histórias, narrativas, personagens... O desafio está localizado no adulto e não na criança. É o adulto quem precisa encontrar estratégias para estimular a criança a investigar, trocar experiências, construir e organizar as aprendizagens. Cada processo é único e que cada criança nos exige um olhar atento. Por isso, necessitamos criar aberturas para trocas e aprendizagens dentro do universo infantil contemporâneo.

Talvez nosso erro seja comparar a “velha” e a “nova” infância. Não se trata de compará-las para estabelecer critérios e classificações ou estabelecer perdas e ganhos. O contrário é muito mais interessante; promover bons encontros entre as gerações pode ser uma alternativa para gerar a experiência e a vivência proposta por Walter Benjamin. Este é o desafio do tempo presente!

As crianças contemporâneas não deixaram de ser inventivas. O universo do faz-de-conta é que ampliou a sua geografia e hoje também é virtual. Então, como propor outra didática (talvez menos “pedagogizante” ou explicativa sobre o universo infantil) para experimentarmos as manifestações culturais pela perspectiva da própria criança? Como ver, pensar e problematizar a criança como produtora de culturas no tempo presente?

## **Bibliografia**

KOHAN, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas II: rua de mão única.** São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.

**Sobre a autora:** Pedagoga. Professora da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). E-mail: [amandaleite@uft.edu.br](mailto:amandaleite@uft.edu.br)